

José Cardoso Pires acaba de ser traduzido para o francês pela Gallimard. Em entrevista ao DN, o escritor faz um balanço sobre a sua vida e obra. Para o autor de «A Balada da Praia dos Cães», que analisa, também atentamente, o pós-guerra, a literatura portuguesa tem prestígio no estrangeiro

# Crise de criatividade não afecta Portugal

Álvaro Morna

Correspondente em Paris

DOTADO de uma forte personalidade, possuindo a virtualidade das palavras simples, que escondem mal uma profunda ternura pelas gentes do seu país, José Cardoso Pires falou ao DN, em Paris, quando do lançamento de *Alexandra Alpha*, sobre o seu percurso: vida e obra. Observador atento do mundo que o cerca e da actualidade grave que o mundo conheceu nestas últimas semanas, o escritor analisa, de forma lúcida, na entrevista o pós-guerra.

«Diário de Notícias» — José Cardoso Pires escreveu o primeiro livro em 1949...

José Cardoso Pires — O meu primeiro livro escrevi-o em 1949. Era uma recolha de pequenos contos. Depois surgiu *História de Amor*, que me valeu ter sido preso pela PIDE. Depois, a pouco e pouco, os romances começaram a aparecer naturalmente.

DN — A sua obra é profundamente marcada pela ditadura salazarista. Como viveu essa relação difícil com o regime de então?

JCP — Toda a minha vida e a minha obra foram marcadas pelo regime de Salazar. Lembro-me de quando vinha para Paris e olhava a França como se fosse o símbolo da liberdade. Um país onde se podia respirar... Quando trabalhava como *copywriter*, vinha muitas vezes a Paris e encontrava, então, muitos trabalhadores que trabalhavam nas fábricas Renault. Pude, então, verificar a situação difícil em que se encontravam, sem nenhuma protecção, completamente abandonados e esquecidos pelo seu próprio Governo. Lembro-me de um caso, passado na altura da OAS, em que dois operários portugueses foram mortos pela Polícia,



José Cardoso Pires: «No que diz respeito à «Balada da Praia dos Cães», confesso que esperava que o filme me trouxesse um pouco mais de novidades»

em Paris, à saída de uma estação de metro, só porque foram tomados por terroristas... O Governo português não queria protestar, mas acabou por fazê-lo, pedindo uma pequena indemnização para os familiares das vítimas. O Governo francês deu o dobro daquilo que haviam pedido as autoridades portuguesas. Quer dizer: manifestou uma maior consideração pelos portugueses que foram mortos do que o nosso Governo, que tratava os emigrantes como animais.

DN — Acha que as novas gerações têm hoje consciência do que era Portugal antes do 25 de Abril?

JCP — Hoje o jovem português não se preocupa com uma série de problemas, porque na realidade nunca os viveu. Já não temos uma guerra colonial. Já não estamos na ditadura. Houve efectiva-

mente um certo amolecimento político por parte da juventude portuguesa, mas isso acontece em todo o lado. Em Portugal pudemos ver a reacção dessa mesma juventude a propósito da guerra do Golfo. Essa juventude quando tem oportunidade de se afirmar desperta. Quando se vê «apertada», reage então de forma positiva, como foi agora o caso ao recusar participar na guerra. Também no aspecto político, não tem assumido um papel de «direita» ou de demissão. Está talvez menos politizada, porque é muito mais feliz, embora esteja consciente dos riscos que, actualmente, corre. Um outro exemplo: quando Le Pen veio a Portugal foi mal recebido pelos jovens, imitando nisso, aliás, a atitude sem ambiguidade do Presidente da República portuguesa.

DN — Um dos seus romances mais célebres —

«A Balada da Praia dos Cães» — foi adaptado para o cinema. Considera o filme uma boa adaptação da obra?

JCP — Considero que foi boa, embora o realizador tivesse seguido demasiadamente à letra o meu romance. Esperava dele uma maior liberdade de interpretação, uma maior liberdade no olhar...

DN — Que prefere: o livro ou o filme?

JCP — Costumo dizer que o livro que escrevo é aquele que prefiro. No que diz respeito à *Balada*, confesso que esperava que o filme me trouxesse um pouco mais de novidades. Por isso mesmo fiquei um pouco frustrado.

DN — «Alexandra Alpha» foi a obra agora traduzida em francês pela Editora Gallimard. Um trabalho importante...

JCP — Sim, é um roman-

ce que precisava de escrever. Nele conto como era a cidade de Lisboa depois da Revolução, com o desfazer de todos os mitos que criámos. Trata-se da descrição de uma sociedade na passagem de antes para o pós 25 de Abril. Quero acrescentar que nunca gostei tanto de Portugal como após o 25 de Abril. Até aí, o meu país era um remorso, porque tinha o sentimento de não dar ao meu país aquilo que gostaria de lhe oferecer. E isso por medo e comodismo. Hoje somos livres e talvez, por isso, mesmo a cidade de Lisboa é também a mais bonita do mundo...

DN — A literatura portuguesa conhece actualmente uma verdadeira explosão em França. Não se tratará de um fenómeno artificialmente criado?

JCP — Acho que não. Essa explosão justifica-se. A verdade é que existe actualmente uma crise de criatividade um pouco por todo o lado, inclusive em França. Portugal encontra-se, pelo contrário, num período excepcional. Os Portugueses começam agora a deitar fora os seus preconceitos de humildade e os complexos que sempre tiveram. Hoje temos uma consciência lúcida das nossas limitações e sabemos assumir essa condição com coragem. E possuímos, também, uma língua que vive, neste momento, em plena expansão. Não podemos esquecer que não é só em França que a nossa literatura conhece um grande prestígio. A Alemanha, a Itália e a Espanha descobrem, igualmente, agora com grande interesse a literatura portuguesa.

DN — A guerra do Golfo chegou ao fim. Qual é a análise que faz deste conflito que abalou o mundo e do papel que a França pode vir a desempenhar no processo de paz?

JCP — Por muito estranho que pareça, penso que o equilíbrio da Europa, e por consequência o nosso próprio equilíbrio, vai depender da França. Sabia-se muito bem que esta guerra estava ganha antecipadamente. Pessoalmente, penso que Saddam Hussein fez uma loucura. Mas os crimes não devem justificar outros crimes. O grande risco que corremos é o de sabermos qual vai ser, agora, a resposta americana. O que realmente vai ficar «político» e tomar conta daquela área é realmente nos quer imputar um governo fascista, como o Governo turco, fazendo entrar para a CEE... Se é isso que os americanos pretendem, será um mau sinal. Precisamos de saber, também, qual o preço que os americanos vão cobrar pela guerra do Golfo. É essa, aliás, a grande questão. Será que vão manter também na Arábia Saudita um governo que é um pouco mais primitivo, onde não há qualquer espécie de liberdade e onde as mulheres são esprezinhas sob o ponto de vista moral? Não sei. Há, no entanto, um país em que não há qualquer espécie de liberdade na Europa, confiamos. Não é a Inglaterra; nenhum europeu independente pode confiar hoje na Inglaterra, pois trata-se de um país sem autoridade, sem autonomia, uma espécie de subcolónia americana, sem qualquer prestígio, mesmo cultural. Os únicos países que prefiguram a Europa são hoje a Alemanha e a França. Este último teve uma atitude que me dá a percepção de que se ia a cortar a sério o preço da guerra. Não há dúvida nenhuma de que o nosso bem-estar depende agora deste país e da sua participação na definição da paz. Estou com isto a pensar uma grande responsabilidade histórica à França. O que faço é porque sei também que ela é capaz de assumir essa responsabilidade.